
Artigo Mestre

EM CHAVE TRANS: IDEOLOGIAS, LITERATURAS E MEMÓRIAS¹ IN A TRANS PERSPECTIVE: IDEOLOGIES, LITERATURES AND MEMORIES

Rafael M. Mérida Jiménez²

Resumo: Neste trabalho, após traçar uma breve genealogia dos estudos trans, Jiménez mostra as significações ideológicas das representações de pessoas trans na história do século XX, assim como analisa as modalidades de autobiografias escritas por pessoas trans durante a segunda metade do século passado.

Abstract: In this paper, after drawing a brief genealogy of trans studies, Jiménez shows the ideological meanings of trans people representations in the history of twentieth century, as well as analyzes the modalities of autobiographies written by people during the second half of the last century.

Palavras-chave: Estudos trans; ideologias, literaturas.

Keywords: Trans studies, ideologies; literatures.

Introdução

Não há dúvidas de que os feminismos e os estudos sobre as mulheres, os gêneros e as sexualidades tenham sido determinantes no desenvolvimento da pesquisa em literatura geral e comparada. Por tão poderosa razão, somente posso estar satisfeito pelas felizes iniciativas que aprofundam brechas no cânone patriarcal mediante uma linha de análise e de reflexão tão caudalosa em uma circunstância histórica como a presente, quando na Espanha e no Brasil de 2019, a censura do feminismo e da mal denominada “ideologia de gênero” alcançou dimensões de visibilidade inesperadas, segundo certificam publicações, debates e programas políticos de toda sorte – para o bem e para o mal.

Como qualquer síntese sobre esta temática poderia converter-se em um intrincado estado da questão relativa aos estudos de gênero e *queer*, preferi limitar meu raio de ação e centrar-me no espa-

1 Traduzido do espanhol por Carolina Hartfiel Barroso e Helder Thiago Maia.

2 Rafael M. Mérida Jiménez é professor de literatura espanhola e estudos de gênero na Universidade de Lleida. É editor dos livros *Sexualidades transgresoras* (2002), *Manifestos gays, lesbianos y queer* (2009) e *Minorías sexuales en España* (2013). Este trabalho é parte do projeto «Diversidad de género, masculinidad y cultura en España, Argentina y México» (FEM2015-69863-P MINECO-FEDER) do Ministerio de Economía y Competitividad de España e se desenvolveu no seio do GRC «Creació i pensament de les dones» (2017 SGR 588).



ço de trabalho que tenho desenvolvido nos últimos anos³. O presente artigo tem um duplo objetivo: em primeiro lugar, após uma breve apresentação da genealogia destes estudos, mostrar as significações ideológicas das representações de pessoas trans na História do século XX a partir de três textos literários canônicos das letras espanholas, catalãs e francesas do período anterior a 1950 e, em segundo lugar, analisar as modalidades de autobiografias escritas por pessoas trans durante a segunda metade do século passado. Ambos os eixos devem nos permitir enriquecer a investigação futura e abrir novos questionamentos.

1.

Os estudos trans possuem uma história recente. Até relativamente pouco tempo, era costumeiro englobá-los nos estudos gays e lésbicos, de maneira que, para traçar uma genealogia acertada, seria conveniente referir-se a volumes miscelâneos onde eles cabiam: lembre-se, por exemplo, uma antologia de ensaios tão influente como *The Lesbian and Gay Studies Reader*, de 1993, editada por Henry Abelove, Michèle Aina Barale e David M. Halperin⁴. Neste sentido, seria desnecessário destacar que foi da mão do ativismo e das teorias *queer* que os estudos trans começaram a adquirir entidade acadêmica e cultural. Basta rememorar a influência das investigações de Judith Butler (1990) para comprová-lo, começando por alguns dos capítulos de *Problemas de Gênero*. Assim sendo, Butler sublinhava no prólogo à edição do décimo aniversário de seu ensaio que «Drag is an example that it meant to establish that “reality” is not as fixed as we generally assume it to be. The purpose of the example is to expose the tenuousness of gender “reality” in order to counter the violence performed by gender norms»⁵.

Assim, já em 1997, em *Lesbian and Gay Studies — A Critical Introduction*, editado por Andy Medhurst e Sally R. Munt, a presença começava a ser notável, pois modificava-se a concepção e o desenho de seus conteúdos⁶. Segundo destacava Jay Prosser no referido volume,

Queer Theory’s embrace of transgender was to prove crucial in the emergence of transgender studies. Without the queer movement beginning in the late 1980s, there would be no transgender movement now, either politically or academically [...]. Transgender specifies a methodology, a subjectivity and a community which, while it might overlap, is distinguishable from queer (MENDHURST; MUNT, 1997, p. 313).

3 Ver, como exemplo, Mérida Jiménez (2009, 2016 e 2018) e o site de DICUMAS: <http://www.dicumas.udl.cat/>

4 Não se trata, longe disso, de uma crítica negativa por minha parte, senão da pura constatação de uma trajetória acadêmica que os editores do volume pretendiam justificar, segundo se expõe em sua introdução.

5 Ver as páginas xxiii—xxiv deste prefácio, banhado de reflexões autobiográficas.

6 Na realidade, enquanto o *The Lesbian and Gay Studies Reader* se dividia em seis seções que pretendiam mostrar a variedade e riqueza desses estudos acadêmicos, acolhendo 42 artigos previamente publicados em revistas e volumes acadêmicos (com textos clássicos de, por exemplo, Stuart Hall, Gayle S. Rubin, Barbara Smith, Teresa de Lauretis, Adrienne Rich, Audre Lorde ou Joan W. Scott), *Lesbian and Gay Studies - A Critical Introduction* se dividia em dois grandes blocos que potencializavam novas aproximações a partir de áreas de conhecimento («Bodies of Knowledge») e conceitos relevantes naqueles momentos («Debates and Dilemmas»), da mão em muitos casos de uma nova geração universitária (José Arroyo, Vivien Ng, Judith Halberstam ou os próprios editores do volume, por exemplo).



Por tal razão, seria um grande equívoco converter em sinônimos os estudos *queer* e os estudos trans: as relações entre os primeiros e os segundos poderiam parecer-se com um eco das interrelações entre o feminismo e a teoria *queer*: não há *queer* sem feminismo, mas o feminismo não tem por que ser *queer*.

O primeiro volume de *The Transgender Studies Reader*, editado por Susan Stryker e Stephen Whittle em 2006, pressupôs a contribuição inaugural em língua inglesa que *canonizava* academicamente os estudos trans, sobretudo aqueles desenvolvidos a partir da década dos anos 90, quando uma nova comunidade iniciou um périplo que prossegue hoje em dia com maior intensidade. Não obstante, por suas mais de 700 páginas encontramos contribuições anteriores à dita década, pois ninguém em sã consciência recusaria, por exemplo, as contribuições de Esther Newton ou Leslie Feinberg como distintas peças-chave na gênese dos estudos trans, levando em conta o valor (e a oportunidade) de monografias como *Mother Camp* (1972) da primeira e *Transgender Liberation* (1992) da segunda. Também foram incluídos textos que, apresentados na órbita feminista «biologicista», poderiam qualificar-se sem dúvidas como aproximações anti-trans, dentre os quais se destaca um influente ensaio de Janice Raymond (*The Transsexual Empire*, de 1979) que, ao contrário do esperado, serviu para empoderar muitas pessoas trans durante os anos 80.

Para além dos debates, em ocasiões improdutivas nestas alturas do século XXI, sobre as complexas relações entre certas correntes feministas e certos estudos queer e trans, que foi sintetizada esplendidamente por Jack Halberstam (2018, p. 139-164) recentemente, me parece interessante destacar o feito de que na América Latina, assim como na Espanha, se tenha usado um termo como “transfeminismo” para definir uma corrente nascida em torno do ano 2000, mas que se consolidou há uma década: um feminismo *queer*, reivindicado por alguns coletivos trans-sapatão-bichas, que «quer situar o feminismo como um conjunto de práticas e teorias em movimento que dão conta de uma pluralidade de opressões e situações, mostrando assim a complexidade dos novos desafios aos quais se deve enfrentar e a necessidade de uma resistência conjunta em relação ao gênero e à sexualidade», nas palavras de Miriam Solá (2013, p. 19-20). Evidentemente, essa corrente valoriza mais o prefixo «trans-» por seu potencial de transgressão do que por sua relação com a transexualidade ou os transgêneros⁷.

Antecipadamente, já esclareço que o uso que farei do termo «trans» não incide na dicotomia entre transexual e transgênero que incorporaria o termo «trans*», com asterisco, muito utilizado a partir da segunda década de nosso século, se aceitamos a proposta de Lucas Platero (2017, p. 411):

⁷ Sobre o conceito «transfeminismo», ver o resumo genealógico que fazem Fernández-Garrido e Araneta (2017).



«Frente à dicotomia transexual e transgênero, nos anos noventa começa-se a usar o prefixo *trans*, especialmente a partir dos movimentos sociais que são cada vez mais críticos com o peso patologizador que contém a noção de transexualidade e seu diagnóstico». Compartilho a necessidade de seu uso no presente, mas me parece que os documentos com os quais vou lidar refletem uma fase prévia, anterior ao século XXI, durante a qual, como consequência da triste medicalização do trans, muitas pessoas sofreram – como ainda hoje muitas sofrem – sua incomodidade com os binarismos de sexo e de gênero.

Se minha aproximação não vai tratar do universo trans* com asterisco é porque vai concentrar-se em um período no qual este universo era totalmente patologizado até o extremo que ditava que muitas pessoas deviam fixar suas identidades, expressões e corporalidades mediante uma representação de gênero forçosamente binária que moldava obrigatoriamente suas autopercepções. Esta seria uma boa mostra do que eu creio que é, na contracorrente, a *ideologia de gênero*. Quer dizer, ao meu ver, a *ideologia de gênero* não seria aquilo que normalmente se define como tal na atualidade de maneira injusta senão, ao contrário, aquele conjunto de textualidades e discursos que, desde o relato do Gênesis, no Antigo Testamento, para citar um exemplo venerável, moldou as desigualdades entre homens e mulheres ao longo dos séculos ou impôs a condenação de milhões de pessoas em razão de suas identidades múltiplas, se são alheias ao padrão unívoco de certos dogmas naturalizados. Esta sim que é a grande ideologia de gênero.

2.

Como sabemos, a identidade trans nasceu patologizada, como consequência da erosão do conceito de hermafroditismo durante a segunda metade do século XIX, que propiciou o processo de inteligibilidade da «homossexualidade». Definitivamente, segundo Michel Foucault (1978, p. 58), no primeiro volume de sua *História da sexualidade*, trataria-se de um fenômeno paralelo e coincidente com a transformação do «sodomita» procedente dos discursos teológicos e morais que hoje em dia ainda nos impõem sua ideologia de gênero. Porém, convém recordar que, nos fins do século XIX e no princípio do século XX, de acordo com Alice Dreger (2000, p. 16), na França e Grã Bretanha, os sexos foram construídos de maneiras muito diferentes, às vezes contrapostas, nas teorias sobre o hermafroditismo e nas práticas médicas, no tempo em que os médicos debatiam para concretizar um sistema da diferença sexual que convinha. Foi a partir da segunda década do século passado que o afeminamento masculino e a masculinidade feminina começaram a delatar uma enfermidade do corpo e da mente através de um inesperado quadriculado de inteligibilidade. Este quadriculado se projetará nos três textos literários de Pío Baroja, Josep Maria de Sagarra e Jean Genet que abordarei em seguida.



Um texto emblemático em língua espanhola desta mudança de paradigma na percepção das pessoas trans seria o primeiro que, de acordo com o *Diccionario gay-lésbico. Vocabulario general y argot de la homosexualidad*, de Félix Rodríguez González (2008, p. 225-226), utilizou-se o conceito de «inversão sexual»: a novela *El árbol de la ciencia*, de Pío Baroja, publicada em 1911. Não deve nos causar estranheza, pois a passagem citada pertence à sexta parte desta obra, onde se narra a experiência de seu protagonista, Andrés Hurtado, como «médico de Higiene» em Madri e sua relação profissional com personagens do submundo:

–Logo, todas essas amas de prostíbulos – seguiu dizendo Andrés – têm a tendência de martirizar as alunas. Há algumas que levam um chicote, como um bastão, para impôr a ordem. Hoje visitei uma casa da rua de Barcelona, onde o capanga é um homem afeminado, a quem chamam de *Papagaiozinho*, que ajuda à cafetina no sequestro das mulheres. Este invertido se veste de mulher, coloca brincos, porque tem buracos nas orelhas, e vai à caça de garotas.

–Que sujeito!

–É uma espécie de falcão. Esse eunuco, pelo que me contaram as mulheres da casa, é de uma crueldade terrível com elas, e as têm aterrorizadas. «Daqui – me disse o Papagaiozinho— mulher nenhuma sai». «Por quê?», eu perguntei. «Porque não», e me mostrou uma nota de cinco duros. Eu continuei interrogando às pupilas e mandei ao hospital quatro delas. As quatro estavam doentes (BAROJA, 1982 [1911], p. 219).

O retrato do “Papagaiozinho” que Baroja esboça nesta passagem pode ser considerado nada mais que assustador e um excelente exemplo contemporâneo do que eu entendo por *ideologia de gênero naturalizada*. Neste “homem afeminado”, este “invertido” que “se veste de mulher, coloca brincos, porque tem buracos nas orelhas”, se concentra toda uma gama de delitos, nada leves, bem tipificados pela lei: desde o sequestro ao suborno, passando pela cafetinagem e a violência física... Mas “Papagaiozinho” é um delinquente muito especial, pois combina os benefícios da ave de rapina (o “falcão”, que não é do papagaio do qual deriva seu apelido) com a masculinidade castrada do “eunuco”. *El árbol de la ciencia* consegue amplificar a “crueldade” do explorador sexual mediante antíteses, mas também mediante uma hipérbole que potencializa sua sexualidade depravada através da prática do travestismo: um “invertido”, um “afeminado”, um “eunuco” pode converter-se em uma besta moralmente doente e criminoso.

Muito provavelmente este fragmento constitua uma das descrições literárias em língua espanhola mais brutais (e concisas) de um travestido. E também pouco frequentes, pois é pertinente destacar que as práticas homossexuais masculinas normalmente mergulham no *uso* do espanhol de maneira interessadamente feminina, fator que denota a concepção generalizada de uma “inferioridade natural” da mulher, o que sugere que o homossexual perdeu sua “essência” masculina. “Papagaio-

zinho” é um travestido muito original precisamente porque Baroja mescla nas linhas citadas suas atividades criminosas, seu comportamento, seu gênero e o diminutivo que o designa, assim como o faz seu criador, um escritor que antes de dedicar-se plenamente à literatura havia exercido a medicina.

Esta *ideologia de gênero* é a que pode ser encontrada em numerosos textos narrativos europeus durante o período de entreguerras. Para recordar outro exemplo hispânico canônico, tem-se o personagem de “Lolita” em *Vida privada*, a grande novela em língua catalã de Josep Maria de Sagarra, publicada em 1932:

Tomaram outra vez a rua Perecamps, deserta, e da taverna chamada Cal Sagristà saiu um homenzinho que começou a segui-los. Aquele homenzinho era horrível; devia ter uns quarenta anos, ia pintado de vermelho e tinha os cabelos impregnados de óleo de coco; se ficou diante deles e, movendo as nádegas de um modo muito triste, começou a dizer, com uma voz mascarada que quer imitar a de uma mulher e com o gemido relaxado e viscoso dos invertidos profissionais: “Não teriam um cigarro para a Lolita?”. Às mulheres lhes causou uma impressão estranha, de um absurdo que não conseguiriam definir; em troca, aos homens, mais que sensação de angústia ou de asco, sentiram um autêntico pânico. Aquele homenzinho inofensivo lhes dava medo, um medo que lhes impedia de dar um empurrão ou responder algo. O homem insistia em pedir “um cigarro para a Lolita”; tentaram se distanciar e apressar o passo. O homenzinho lhes seguia gemendo e lançando “ais” que feriam os ouvidos dos quatro homens que fugiam; uns “ais” que queriam imitar aos do orgasmo feminino.

–Diante de algo assim – disse Emilio Borrás – um sujeito não sabe o que fazer; sua garganta seca e fica tão envergonhado que dá vontade de começar a chorar... (SAGARRA, 1994[1932], p. 170).

É muito pertinente destacar a descrição metafórica de Lolita, na medida em que devemos considerá-la caracterizada com idêntica verossimilhança histórica que a dos demais personagens dessa novela, tão realista. Lolita sai de um dos locais mais conhecidos – e de reputação mais pecaminosa e sexualizada – do “Bairro chinês” de Barcelona, aparece descrita através daqueles detalhes (voz, gesto ou maquiagem) que melhor podem definir a um “invertido profissional”. Não devemos deixar de notar o adjetivo, que sem dúvidas remete a um ofício muito concreto, o qual, pela humildade implícita, podemos imaginar na escala artística mais baixa dos “imitadores de estrelas”, e inclusive circunscreve a prostituição. Mas também não podemos desdenhar do substantivo, que figura o “absurdo” das damas e o “pânico homossexual” descrito magnificamente entre os senhores do grupo, os quais se mostram incapazes de controlar o sentimento de repulsa diante da proximidade de uma figura emblemática da região moral que estão passeando, a sensação de perigo diante do contágio...

Que efeitos produz Lolita? A vergonha daqueles que se consideram moralmente superiores, mas também a impotência de classe social e um nó na garganta: a impossibilidade de verbalização

dos “crimes nefastos”, cujos nomes não devem ser pronunciados — a “sodomia” na antiga linguagem religiosa, a “inversão sexual” no vocabulário médico moderno. Um excelente exemplo, a meu ver, de representação da ideologia de gênero dominante.

Esta descrição se contrapõe com as “Carolinas” descritas no *Journal du voleur*, de Jean Genet, publicado em 1949, no qual o heterodoxo escritor francês descreveu sua residência em Barcelona desde 1934:

Aquelas, que entre si se chamam “as Carolinas”, foram em procissão à frente de um mictório destruído. Os revoltados, durante os tumultos de 1933, quebraram um dos mictórios mais sujos, mas dos mais queridos. Estava perto do porto e do quartel, e era a urina quente de milhares de soldados que havia corroído o metal. Quando sua morte definitiva foi constatada, em xales, mantilhas, vestidos de seda, jaquetas, as Carolinas – não todas, mas uma delegação solenemente escolhida– vieram sobre seu local depositar um buquê de rosas vermelhas, presas por um laço. [...] As Carolinas eram grandes. Elas eram as Filhas da Vergonha (GENET, 1982 [1949], p. 72-73).

Diante da dignidade solene do luto das Carolinas de Genet, o horror bem pensante dos personagens da novela de Sagarra diante dos “invertidos profissionais”. Frente à mirada sexual do eu narrativo autobiográfico francês do *Diário de um ladrão*, o distanciamento burguês que contempla a decadência da aristocracia catalã em *Vida privada*. Frente à fascinação e o comunitarismo de um sujeito, a abjeção de um abismo tão atrativo quanto repulsivo. Um abismo que, não devemos esquecer, estava refletindo as diferenças sociais e econômicas que impulsionavam as *ideologias de gênero* nos anos 20 e 30 do século passado – e na atualidade.

3.

Nos Estados Unidos, o florescer das autobiografias trans se produziu desde princípios dos anos 60, segundo investigou Joanne Meyerowitz (2002, p. 186-207), em parte como efeito da tradução ao inglês do volume de Mario Costa sobre a estrela mais brilhante do cabaré *Carrousel* de Paris dos anos 50 e 60: *Coccinelle est lui*. Um bom exemplo desta difusão precoce seria *I changed my sex* (1963), de Hedy Jo Star. Nos fins da década de 60 e princípios dos anos 70, em língua inglesa, nasceria o duplo modelo autobiográfico que acabaria impondo-se, da mão de Christine Jorgensen (1967) e Jan Morris (1974), de um lado a outro do oceano. Suas trajetórias pessoais se transformam em boas metáforas do plano de fundo das duas modalidades mais comuns de memorialismo trans: uma, mais desinibida, vinculada ao mundo do espetáculo; a outra, mais introvertida e na qual se dará primazia à viagem interior através da escrita. Uma simples comparação pode esclarecer o que sugiro: enquanto Christine Jorgensen afirmava em *A Personal Autobiography*: «Miraculously, the past had led me to a life of

fame and notoriety, with all of its attendant frustrations, pleasures, and responsibilities» (Ames, 2005, p. 75), Jan Morris constatou em *Conundrum*: «I regret the stolen years of completeness, as man or as woman, that might have been mine» (Ames, 2005, p. 96).

Depois desses dois volumes inaugurais, que conheceram uma imediata repercussão pela fama antiética de suas autoras — uma como estrela do espetáculo; a outra como jornalista quando ainda não havia realizado sua redesignação sexual —, foram surgindo outros livros, que também iluminaram a experiência trans de mulher a homem, como por exemplo a autobiografia de Mario Martino, em 1977. Em sua antologia intitulada *Sexual Metamorphosis*, Jonathan Ames (2005, p. xii) constatou a variedade de experiências pessoais que abrigam narrativas tão diversas como *Second Serve* (1983), de Renée Richards, ou *Crossing* (1999), de Deirdre McCloskey, ao mesmo tempo em que sugeriu sua comunidade literária, paralela em estrutura ao clássico modelo literário do *bildungsroman*. No espaço cultural francófono, foi a partir da década de 80 que começaram a vir a luz as primeiras autobiografias trans originais, mais próximas a Jan Morris que ao modelo inaugurado por Coccinelle: *Je serais elle*, de Sylviane Dullak (1983), *Le saut de l'ange*, de Maud Marin (1987) o *Rencontre du troisième sexe*, de Sandra Dual (1999), entre outras, junto às obras de Bambi (Espineira et al., 2012, p. 120).

Entretanto, seríamos ingênuos se pensássemos exclusivamente em modelos literários como o *bildungsroman* para o espaço textual que configuram o memorialismo e a (auto)biografia trans destas décadas. O modelo destes textos aparece diretamente influenciado pelas narrativas médicas às quais estas pessoas foram forçadas, segundo destacara Ken Plummer:

muitxs auto-identificadxs transexuais e travestis soavam como se pudessem ministrar cursos literários baseados em suas experiências – estando totalmente conscientes das autobiografias relevantes e outros estudos de casos famosos. De fato, no caso de transexuais, isso é levado ao extremo, pois é frequentemente através da incorporação das “notas dos livros didáticos” em suas vidas que elxs conseguem tornar-se elegíveis para a cirurgia de mudança de sexo (PLUMMER, 1995, p. 42).

Diferentemente do que constatamos no espaço cultural anglo-saxão ou francófono, a autoria trans hispânica se tornou visível em datas muito mais recentes. Por muitas variadas razões, começando com as derivadas do contexto histórico-político: se observamos os mapas políticos da Espanha e da América Hispânica a partir da Segunda Guerra Mundial, deduziremos a impossibilidade material de que se pudessem publicar textos de sexualidades alheias ao padrão heteronormativo; também não ajudava o canal de testemunhos, próprios das sociedades católicas (a confissão sacramental). Idêntica equação pode formular-se para aquelas produções textuais em cuja voz trans não é autoral, mas que podemos presumir certa autenticidade: na altura de 1963, era impossível quena Espanha ou em tantos

outros países hispano-americanos, viesse à tona um volume como *Coccinelle est lui*. Tampouco, obviamente, de haver existido uma Coccinelle hispânica ou latinoamericana que poderia ter se casado como ela fez, muito publicamente, em 10 de março de 1962 (Foerster, 2012, p. 78).

4.

A dificuldade que entranha-se na delimitação de um corpus autoral trans na Espanha, em Portugal e na América Latina deriva, além dos fatores históricos, políticos e religiosos já sugeridos, de questões nascidas de um fator geracional — muitas daquelas vozes começaram a falecer já na mesma década dos 80, durante a qual a extensão do consumo de drogas constituiria uma praga, como a que pouco depois capitalizaria a pandemia da AIDS —, mas também de base estritamente social e cultural. Torna-se evidente que uma porcentagem muito elevada das trans daquela época procediam das classes economicamente mais desfavorecidas, originárias em tantas ocasiões do âmbito rural ou do proletariado urbano e com apenas estudos básicos. Assim, Norma Mejía (2006, p. 343-370) oferecia em *Transgenerismos* a entrevista à sua amiga “Lola, uma sobrevivente”, inserida como uma “história de vida”, tipologia textual cultivada pelos estudos sociológicos e antropológicos. Afirmava Lola que, no fim dos anos 70, em Barcelona,

comecei a trabalhar em um cabaré. Estava metida em uma urna com trajes de papéis que iam caindo, e fazia shows, e fazia coisas, e não podia combinar o trabalho de noite com os estudos de dia. [...] O único problema que eu tinha era ser menor. Mas você sabe que os donos das discotecas e toda essa gente são uns usurários. A eles importa muito pouco sua idade, se você puder aparentar ser maior de idade. Eu com catorze anos tinha praticamente o mesmo corpo que tenho agora. Com muita maquiagem e bem arrumada, ninguém pensava que eu tinha a idade que tinha. [...] Comecei a me prostituir, porque não tinha nenhum outro meio de subsistência (MEJÍA, 2006, p. 349).

Boa parte dos testemunhos autobiográficos extensos que conservamos vieram à luz no século XXI: uma das exceções seria *Princesa*, de Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli (1998), publicada em italiano, em 1994. Na Espanha, o primeiro volume das *Memorias trans*, de Pierrot, é de 2006, ano em que também foi publicada *Transgenerismos*, a tese doutoral de Norma Mejía; *De niño a mujer*, biografia confessional de Van Doll, redigida por Pilar Matos, foi publicada em 2007... Estimuladas pelo passar do tempo, animadas pelo reconhecimento de uma legislação que já não as ignora, inclusive reabilitadas por um movimento gay e lésbico que não as evita, a primeira década do milênio pode ser definida como a do início da recuperação da memória trans na Espanha. As três obras citadas remetem a outros tantos modelos: enquanto a de Dolly Van Doll se mostra a mais convencional e confessional, ainda que não menos comovente, as *Memorias trans*, de Pierrot, partem sobretudo de uma recompilação de entrevistas efetuadas desde o princípio dos anos 80. O

volume de Norma Mejía pode ser considerado um caso excepcional, pois sua tese em antropologia combina pesquisa acadêmica e etnografia extrema: uma autobiografia intermitente sem concessões, um percurso histórico pela Barcelona da prostituição trans dos anos 70 e 80.

O interesse do relato e da história de vida de Norma Mejía ainda precisa ser analisado com atenção a partir da perspectiva que proponho. *Transgenerismos* mostra um eu narrativo (masculino, feminino e andrógino) que às vezes dialoga e aos poucos se impõe sobre as demais vozes. Formalmente, nos encontramos diante de uma tese de doutorado com todas as regras; depois de ler, verificamos, entretanto, que a convenção universitária foi interessada e interessantemente *maltratada* em seu benefício.

Essa tese inclui como um de seus anexos o certificado médico tailandês que confirma que a autora «foi submetida a irreversível Cirurgia de Redesignação Sexual de homem a mulher em duas etapas em 5 e 12 de novembro de 2004» (MEJÍA, 2006, p. 372). Isto é, com pouco mais de 60 anos. Se trata de um documento que simultaneamente demonstra a metodologia da etnografia extrema desenvolvida e que certifica a entidade mais profunda do título do volume. Por um lado, o converte explicitamente em paradoxo. Isto é assim porque em diversas instâncias da pesquisa, uma das hipóteses mais sólidas (confirmada mediante a discussão da bibliografia secundária) e recorrentes (por sua transversalidade) seria aquela que confirma a invalidez da equação segundo a qual a cirurgia de redesignação sexual constitui o destino natural de todas as trans (de homem a mulher), uma vez que dita naturalidade não seria senão uma construção que tem beneficiado mais ao estamento médico do que às pacientes. Mejía afirma, assim, que a transexualidade supõe “a forma aparentemente ‘liberal’ que adota a velha ideologia paternalista, heterossexista, essencialista, bipolar e machista que caracteriza nossa cultura judaico-cristã (e islâmica), segundo a qual só existem dois gêneros, vinculados aos genitais” (MEJÍA, 2006, p. 128).

Devo confessar que me surpreende tristemente que um repositório tão rico como o preparado por Pierrot sobre a Espanha trans das décadas dos 60, 70 e 80 tenha sido tão escassamente explorado até hoje. Me refiro tanto às *Memorias trans*, impressas há mais de uma década (PIERROT, 2006), como às *Memorias del espectáculo*, alocada na página de internet de Carla Antonelli (PIERROT, 2007). Sua riqueza e valor são indiscutíveis, tendo em conta a relação próxima de Pierrot com as pessoas as quais entrevistava ou seu conhecimento dos ambientes que descrevia, dada sua própria condição de estrela em espetáculos trans.

Pierrot e seus colegas foram tecendo um tecido único — e riquíssimo — que recuperou uns espaços urbanos e imóveis na maioria das ocasiões fechados ou destruídos a estas alturas do século XXI: uma micro-história, marginal quantitativamente, que gozou de um notável esplendor justamente

durante uma época histórica turbulenta (o segundo franquismo e a primeira transição). Se trata de um exercício coral de memórias que, é claro, também quer ser reivindicação, ainda que frequentemente não pareça. Embora seja possível não gostar de mais de uma das personagens — começando pelo próprio Pierrot — a *performance freakie* que explorou a trans Carmen de Mairena em seus últimos anos se pergunta quem tem o direito de manchar sua memória ou de ridicularizar sua raiva e seu sofrimento durante a ditadura franquista:

porque eu, modéstia parte, era uma beleza, não tenho avó nem avô, digo a verdade, e por isso os que me paravam eram veados gordos, com uma cara horrorosa, me tinham fixação. Que tome no cú, ditadura de Franco e seus mortos! Vou fazer um absurdo muito grande: estou cagando para os mortos de toda a gente que me causou dano, porque nunca roubei nem prejudiquei ninguém, por ser gay te metiam na cadeia, não têm o perdão de Deus, queimados em uma fogueira, não quero saber nada de Franco, queimados tinham que estar. Lei de vagabundos e bandidos, como vão aplicar a mim a lei de vagabundos e bandidos? Eu sempre fui um artista cantor, um cancionista... Lhe diria afunde, filho de uma grande puta... Porque eu estive dez vezes na prisão Modelo [de Barcelona] sem fazer nada. Estando em um bar bebendo e porque era gay tomando tudo no cú... (PIERROT, 2006, p. 24-25).

De niño a mujer, a (auto)biografia de Dolly van Doll escrita por Pilar Matos (2007) merece ser lida, inclusive entre aqueles que não estão interessados nos renomados palcos europeus (alemães, franceses, espanhóis,...) que nas décadas de 50, 60 e 70 começaram a explorar um filão gay / travesti / transexual com considerável êxito, porque, além de esboçar os contornos destes espaços de sociabilidade sexual à margem, oferece uma radiografia do que significava uma operação de mudança de sexo (de homem a mulher) na Casablanca daqueles anos, começando pelo próprio corpo da pessoa descrita. No caso que aqui se retoma, com dor mas com sucesso, pois muitas outras ficaram pelo caminho... Carla Follis, neste sentido, não tem rodeios ao descrever os resultados, ainda que torne-se um redundante essencialismo cirúrgico, o que lhe permite “ser mulher” e desfrutar à partir desse momento de uma sexualidade feminina que para dizer seu nome deve ser também física e não somente psíquica:

Eu, ainda que tenha nascido com uma natureza masculina muito pobre porque tive uns testículos como ervilhas e um pênis diminuto, tive e tenho próstata. Isto quer dizer que, com a vagina artificial que é criada e o perfeito funcionamento da próstata, tive sempre um resultado sexual perfeito; e, ao dizer perfeito, quero dizer que gozei do orgasmo como poderia dizê-lo qualquer mulher ou qualquer homem. A mulher não goza através da vagina, senão do clitóris. No meu caso obtenho um grande estímulo através dos lábios que são feitos com a pele do escroto, pequena parte que fica no interior e que poderíamos chamar clitóris, que com a reação natural da próstata torna possível alcançar o êxtase da maneira mais prazerosa (MATOS, 2007, p. 69).

Segundo Fernando Cabo (1993), um dos aspectos mais chamativos nas autobiografias seria a presença de uma voz de aparência auto constituinte que busca delimitar seu próprio contorno a partir de um esforço de identificação. Esta reflexão creio que se ajusta perfeitamente à “biografia real” de Carla Follis / Dolly Van Doll, além de em um sentido literal, mas enquanto artefato autobiográfico, na medida em que *De niño a mujer* (e não podemos esquecer a canção de Julio Iglesias à qual se refere: “De niña a mujer”) constitui um exemplo muito original de revisão vital na qual a pessoa transexual nega e acata a Natureza para acabar se acomodando sem discussão e com satisfação íntima a um discurso naturalizador heteronormativo. Essa postura é compreensível entre alguns de seus destinatários mais diretos, aqueles antigos admiradores que não querem se contemplar nas águas turbulentas do passado senão em um modelo de superação pessoal cristão, capitalista e heterossexual, apesar de suas pretendidamente naturais contradições.

5.

Paradoxal e involuntariamente, o amálgama de textualidades trans na obra de Norma Mejía, produto de umas circunstâncias pessoais pouco felizes, tal como a mistura de entrevistas, crônicas e anotações de toda sorte, com fotografias inclusas, nas *Memorias trans* de Pierrot me parecem formalmente muito próximas — e entenda-se minha metáfora — à crítica que propunha Pierre Bourdieu (1989, p. 31) contra “o privilégio atrelado à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida considerada como história em relação ao espaço social no qual se cumprem”.

Norma Mejía e Dolly Van Doll são duas pessoas cujo périplo vital é um trânsito, não apenas sexual, mas também geográfico e lingüístico: uma nasceu na Colômbia e a outra na Itália, ambas desembarcaram na Espanha depois de viver em numerosas cidades. Ambas narram um *sexílio* que é puro comparatismo, pois por suas páginas se mesclam idiomas, culturas e países de vários continentes. Não me atreveria a definir suas textualidades autobiográficas como transcomparatistas, mas não teria dúvidas em afirmar que os estudos feministas, de gênero e queer perderiam parte de seu potencial crítico se desconsiderassem essas peças de um quebra-cabeças incompleto que nos interpela sobre masculinidades e feminilidades, sobre gêneros literários e eróticos em ebulição e sobre as *ideologias de gênero* de muitos séculos e as de hoje.



Referências bibliográficas

- ABELOVE, Henry; HALPERIN David. *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York: Routledge, 1993.
- AMES, Jonathan. *Sexual Metamorphosis — An Anthology of Transsexual Memoirs*. New York: Vintage, 2005.
- BAROJA, Pío. *El árbol de la ciencia*. Madrid: Alianza, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. La ilusión biográfica, *Historia y Fuente Oral*, Madrid, n. 2, 1989.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble — Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1999.
- CABO ASEGUNOLAZA, Fernando. Autor y autobiografía.. In: ROMERA, José et allí (Ed.) *Escritura autobiográfica*, Madrid: Visor, 1993.
- COSTA, Mario. *Coccinelle est lui*. Paris: Les Presses du Mail, 1963.
- DREGER, Alice Domurat. *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*. Cambridge: Harvard University, 2000.
- DUAL, Sandra. *Rencontre du troisième sexe*. Toulon: Blanc, 1999.
- DULLAK, Sylviane. *Je serais elle*. Paris: Presses de la Cité, 1983.
- ESPINEIRA, Karine; ALESSANDRIN, Arnaud (Ed.). *La trans—yclopédie — Tout savoir sur les transidentités*. Paris: Éditions des Ailes sur un Tracteur, 2012.
- FARIAS DE ALBUQUERQUE, Fernanda; JANNELI, Maurizio. *Princesa*. Barcelona: Anagrama, 1996.
- FEINBERG, Leslie. *Transgender Liberation — A Movement whose Time has come*. New York: World View Forum, 1992.
- FERNÁNDEZ-GARRIDO, Sandra; ARANETA, Aitzole. Transfeminismo In: Platero, Lucas; ROSÓN, Maria; ORTEGA, Esther (Ed.) *Barbarismos «queer» y otras esdrújulas*. Barcelona: Bellaterra, 2017.
- FOERSTER, Maxime. *Elle ou lui? — Une histoire des transsexuels en France*. Paris: La Musardine, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Historia de la sexualidad* Madrid: Siglo XXI, 1978. v1: La voluntad de saber.
- GENET, Jean. *Diario del ladrón*. Barcelona: Seix Barral, 1988.
- HALBERSTAM, Jack. *Trans* — Una guía rápida y peculiar de la variabilidad de género*. Barcelona-Madrid: Egales, 2018.
- JORGENSEN, Christine. *Christine Jorgensen: A Personal Autobiography*. New York: Paul S. Erickson, 1967.
- MARTINO, Mario. *Emergence: A Transsexual Autobiography*. New York: Crown, 1977.
- MATOS, Pilar. *De niño a mujer — Biografía de Dolly Van Doll*. Córdoba: Arco Press, 2007.
- MCCLOSKEY, Deirdre. *Crossing*. Chicago: University of Chicago, 1999.
- MEDHURST, Andy; MUNT, Sally R. *Lesbian and Gay Studies — A Critical Introduction*. London: Cassell, 1997.
- MEJÍA, Norma. *Lorena, mi amor*. Barcelona: Tempestad, 2004.
- _____. *Transgenerismos — Una experiencia transexual desde la perspectiva antropológica*. Barcelona: Bellaterra, 2006.
- MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. *Cuerpos desordenados*. Barcelona: UOC, 2009.
- _____. *Transbarcelonas — Género, cultura y sexualidad en la España del siglo XX*. Barcelona: Bellaterra, 2016.



_____. Hacia una cartografía de las textualidades autobiográficas trans en España. In: INGENSCHAY, Dieter (Ed.). *Eventos del deseo — Sexualidades minoritarias en las culturas / literaturas de España y Latinoamérica a fines del siglo XX*. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2018.

MEYEROWITZ, Joanne. *How Sex Changed — A History of Transsexuality in the United States*. Cambridge: Harvard University, 2002.

MORRIS, Jan. *El enigma*. Barcelona: RBA, 2011.

NEWTON, Esther. *Mother Camp: Female Impersonators in America*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

PIERROT. *Memorias trans — Transexuales, travestis, transformistas*. Barcelona: Morales i Torres, 2006.

_____. *Memorias del espectáculo — en Diario Digital Transexual*. Disponível em: <http://www.carlaantonelli.com/pierrot_memorias_de_transexuales.htm>. Acesso em 15 fev. 2018.

PLATERO, Lucas. Trans* (con asterisco) In: _; ROSÓN, Maria; ORTEGA, Esther (Ed.) *Barbarismos «queer» y otras esdrijulas*. Barcelona: Bellaterra, 2017.

PLUMMER, Ken. *Telling Sexual Stories— Power, Change and Social Worlds*. London: Routledge, 1995.

PROSSER, Jay. Transgender. In: MEDHURST, Andy; MUNT, Sally R. *Lesbian and Gay Studies — A Critical Introduction*. London: Cassell, 1997.

RICHARDS, Renée. *Second Serve*. New York: Stein and Day, 1983.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Félix. *Diccionario gay-lésbico — Vocabulario general y argot de la homosexualidad*. Madrid: Gredos, 2008.

SAGARRA, Josep Maria de. *Vida privada*. Barcelona: Anagrama, 1994.

SOLÁ, Miriam. Introducción, In: _; URKO, Elena (Org.) *Transfeminismos— Epistemes, fricciones y flujos*. Tafalla: Txalaparta, 2013.

STAR, Hedy Jo. *I changed my sex*. Chicago: Novel Books, 1963.

STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006.

